

## A Índia e o Paquistão

por Mário Soares

1. A operação de comandos, vindos do mar, que atacou selvaticamente dois hospitais, o bairro judeu e dois dos mais emblemáticos hotéis de Bombaim, espalhou o terror, sobretudo pela parte mais rica e turística, nas ruas da cidade, capital económica da Índia, deixando atrás de si um rasto de quase duzentos mortos e trezentos feridos e a devastação, ao longo dos três dias finais de Novembro último, impressionou o Mundo. Pela sua organização, eficácia, terrível inutilidade e pela emoção que provocou.

O terrorismo islâmico imbuído de fanatismo religioso, com objectivos políticos, nem sempre claros, ataca agora em duas frentes: no Ocidente (América, Europa Ocidental, Turquia, Marrocos) mas também a Oriente (Indonésia, Índia), ainda que em pontos com inúmeros turistas ocidentais, como foi agora o caso.

Parece óbvio que os comandos que actuaram em Bombaim, com enorme precisão e sangue frio, estão, pelo menos, relacionados com a Al Qaeda e com os talibãs (de regresso ao Afeganistão) e foram treinados, não se sabem bem por quem, muito provavelmente no Paquistão, país problemático por excelência, principalmente após a retirada de Musharraf e o assassinato da Presidente Benazir Bhutto.

Com efeito, o inevitável aumento das tensões entre o Paquistão e a Índia – em conflito latente, praticamente, desde as respectivas independências – provocando talvez a deslocação de fortes contingentes militares, para os dois lados da fronteira, que lhes é comum, pode ajudar a desviar as atenções para o que se passa na outra misteriosa fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão. Porquê?

Para facilitar, justamente, o regresso dos talibãs ao Paquistão e tornar cada vez mais impossível – e perigoso – a presença militar da NATO no Afeganistão, um erro colossal da Administração Bush e dos Governos europeus, que denunciarei, oportunamente, quando ocorreu, e que se tem vindo a agravar todos os dias. Não faz, com efeito, qualquer sentido que uma organização militar defensiva, como a NATO, criada, em 1949, para conter a expansão do comunismo, em começos da “guerra fria”, quando o universo comunista alastrava à Europa Oriental – e as duas Europas estavam separadas pela “cortina de ferro” – se tenha convertido numa organização ofensiva contra o Afeganistão e o chamado “terrorismo islâmico”, fora das fronteiras europeias e bem longe do Atlântico...

Resultado: quando a América de Obama – e as Forças Militares Americanas – se preparam para sair do Iraque, no prazo de 16 meses, com aplauso geral, a NATO está a afundar-se todos os dias no Afeganistão, país complexo e altivo, que sempre conseguiu expulsar os seus invasores: dos britânicos aos russos, como os americanos – e especialmente a CIA – muito bem sabem. A situação,

que já é muito grave, tende a tornar-se explosiva. Em consequência, a NATO e os contingentes nacionais que a integram, têm que encontrar uma saída. Quanto mais depressa, melhor.

Repare-se, contudo, que o assalto terrorista a Bombaim deu-se quando os ministros dos Negócios Estrangeiros do Paquistão e da Índia, estavam a negociar em Nova Deli o reforço da cooperação e o desanuviamento, entre os dois países. Ora, ambos são detentores de armamento atómico, como se sabe, o que só agrava a situação.

Realmente, num Mundo tão complexo e inseguro, como aquele em que vivemos, só nos faltava que neste triângulo tão perigoso da Índia, Paquistão e Afeganistão e com tantas implicações internacionais o conflito entre a Índia e o Paquistão se exacerbasse, ganhando uma nova dimensão. Esperemos que não...

2. O templo hindu de Lisboa, um dos maiores da cidade, resolveu promover no sábado último uma cerimónia ecuménica religiosa à memória das vítimas inocentes de Bombaim. Foi uma cerimónia emotiva e impressionante, que teve a presença da nova Embaixadora da Índia em Lisboa e que contou com uma representação equilibrada das outras confissões religiosas que actuam em Portugal: católicos, protestantes evangélicos, judeus, muçulmanos e bahai's. A Comissão da Liberdade Religiosa esteve também representada pelo seu antigo Presidente, o Senhor Conselheiro Meneres Pimentel e o actual, que sou eu.

Realmente foi uma cerimónia dominada pelo desejo de paz e pela grande figura espiritual e política de Mahatma Gandhi, o profeta da não violência. No mundo de hoje em que a cultura da violência chega todos os dias a nossas casas, por meio das televisões, das rádios, da internet e dos jornais, fazer-se o elogio da cultura da paz, da não violência e do diálogo entre as religiões – que no passado foram, tantas vezes, fadoras de guerras - é algo de grande importância pedagógica, que nos reaviva a esperança num Mundo melhor. Assim seja – sem fanatismos destrutivos – e com o contributo de todas as religiões, abertas ao diálogo e que vivem e actuam em Estados de Direito Laicos, como são exemplos a Índia e Portugal.

3. Alçada Baptista. Foi ontem a enterrar, o grande escritor, advogado, livreiro, católico progressista, fundador e primeiro director da Revista "O Tempo e o Modo", que teve um papel decisivamente importante, no movimento católico contra a Ditadura, como a Revista, também por ele lançada, Concílio, que despertaram muitas consciências adormecidas, António Alçada Baptista.

Fui amigo e fiel admirador de Alçada, desde os recuados tempos em que nos conhecemos e éramos jovens advogados e lutadores contra a Ditadura. A seu pedido, Zenha e eu, fomos colaboradores do primeiro número de "O Tempo e o Modo", para darmos um sinal aos não crentes, aliás criticado por alguns nossos correligionários, de que "O Tempo e o Modo" era uma revista fundada por católicos, mas aberta aos não crentes e de espírito progressista.

Mais tarde, disseram-nos que antes de resolverem aceitar a nossa presença e colaboração, propostas por Alçada, a redacção, então ainda toda católica, resolveram rezar um padre-nosso e só depois votar, inspirada pela Santíssima Trindade. Assim fizeram e fomos votados por unanimidade...

A nossa colaboração no "O Tempo e o Modo" foi sempre excelente, criando laços de verdadeira solidariedade entre nós. A nossa efectiva colaboração jornalística é que não, porque os tempos eram difíceis e houve prisões que nos impediram de cumprir o nosso dever, principalmente no meu caso.

Colaborámos depois em várias eleições, sempre fraudulentas, como era de regra, no tempo salazarista. Mas tinham uma certa utilidade: criavam uma relativa agitação e faziam abrir os olhos a muita gente. Mantivemos sempre o contacto. Estava em São Tomé, quando Salazar caiu da cadeira. O que mudou tudo. Veio a chamada impropriamente "primavera caetanista". Regressei da deportação. Voltámos a conviver. Mas aí os nossos destinos afastaram-se: Alçada acreditou na pseudo-abertura de Marcelo Caetano, de quem era amigo. Eu, não. Fui expulso do País e exilei-me, com residência em Paris.

Aí voltei a encontrar, várias vezes, Alçada que me procurava sempre. Tinha grandes amigos franceses. Lembro-me, por exemplo, que foi Alçada que me apresentou a Edgar Morin, grande filósofo e agitador de ideias de quem hoje ainda sou amigo.

Depois de publicar, em Lisboa, o livro "Conversas com Marcelo Caetano" (1973) veio a Paris e voltámos a encontrar-nos, salvo erro, no Café de la Paix. Ofereceu-me o livro. E discutimos bastante. Disse-lhe, com algum exagero, que sendo já reconhecido como um grande escritor - tinha publicado Peregrinação Interior I e Reflexões sobre Deus - riria passar à história como o António Ferro de Marcelo Caetano. Felizmente não foi assim. As Conversas com Caetano não tiveram grande repercussão. Em 1973, Caetano estava politicamente esgotado e já não convencia ninguém. Mas Alçada pagou um pesado preço por ter escrito o livro, nos anos que se seguiram à Revolução dos Cravos.

Encontrei-o logo no meu regresso, retomámos as relações íntimas que tínhamos e acompanhei-o, carinhosamente, quase até ao fim.

Portugal perdeu um grande escritor, que poderia ter deixado uma obra muito maior, tanto no plano da ficção como no do ensaísmo ou como memorialista. Era um contador de histórias e um conversador admirável. Um homem bom, solidário, generoso, para quem os afectos contavam enormemente. Uma personalidade com claridades e sombras, seguramente, mas que merece ser estudada com objectividade e que prestou altos serviços a Portugal e à Igreja e foi um Amigo que deixou um lugar inesquecível entre os seus amigos. Como se viu no concorrido funeral que o acompanhou.

Lisboa, 9 de Dezembro 2008